

↳ Carlos Roberto de Souza

Viagem ao tempo do *cinema silencioso*

*Quando e
aprendo*

O Brasil das três primeiras décadas do século XX mostra a sua cara: mais de setenta horas de filmes silenciosos sobreviventes documentam a exuberância da natureza, os atos políticos e até jogos de futebol e concursos de misses

Diversão completa no início do século XX: o "Chopp Cantante do Passeio Público", primeiro cinema ao ar livre do Rio de Janeiro, oferecia novidades aos amantes da sétima arte: filmes acompanhados de música ao piano e cerveja

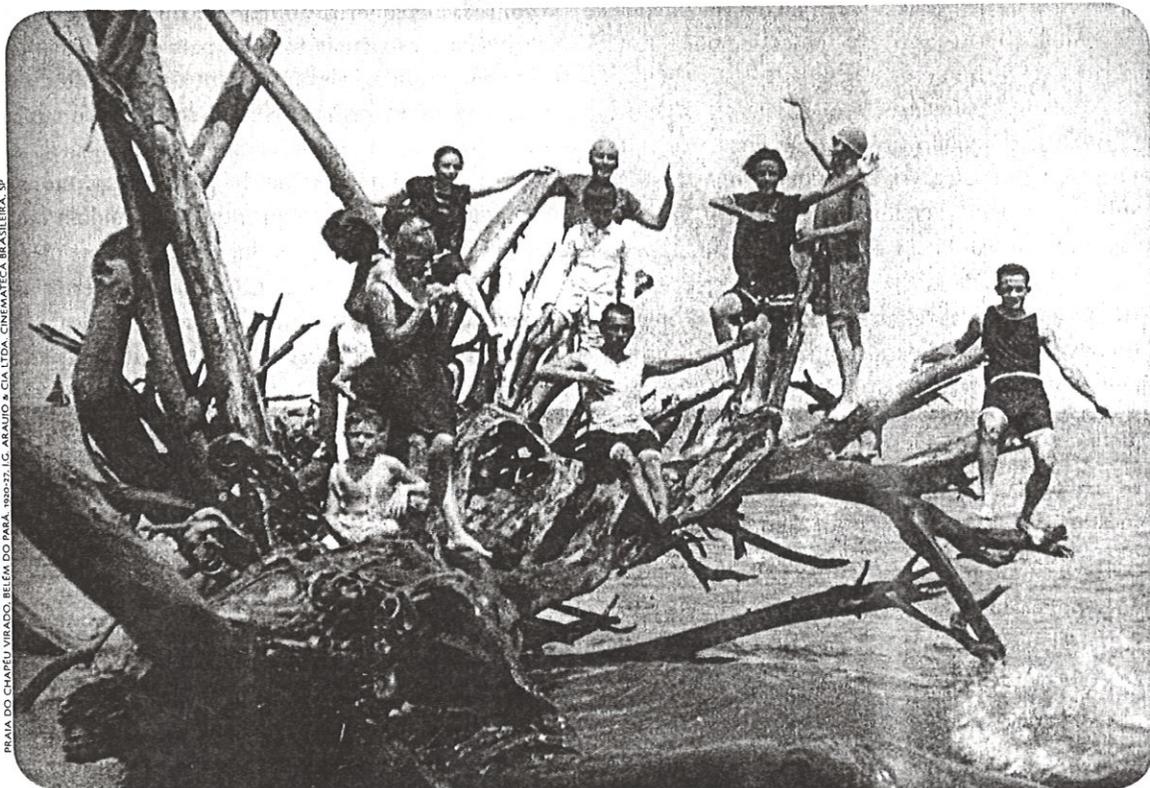
Quase 4 mil filmes foram produzidos no Brasil de 1898 até 1930 – ano que marca teoricamente o final do período silencioso. Só na primeira década do século XX, por exemplo, pelo menos três centenas e meia de filmes curtos haviam sido realizados, basicamente no Rio de Janeiro, com flagrantes da atualidade político-social e aspectos da natureza, como era prática também em outros lugares do mundo.

Numa tentativa de entender didaticamente a produção brasileira desses primeiros tempos, o crítico e historiador de cinema Paulo Emilio Salles Gomes (1916-1977) lançou mão de duas expressões: "berço esplêndido" e "ritual do poder". O primeiro conceito se aplicaria aos filmes dedicados ao "culto das belezas naturais do país, notadamente da paisagem da Capital Federal". Amplamente praticado ao longo do século XX, o gênero inclui desde panora-



ALCANTARAL, MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

A praia do Chapéu Virado, em Belém, é um exemplar do rico cenário de belezas naturais captado pela cinematografia brasileira



PRAIAS DO CHAPÉU VIRADO, BELÉM DO PARÁ, 1930-31. IG. ARAÚJO & CIA. LTDA. CINEMATECA BRASILEIRA, SP

mas da baía de Guanabara a vistas da grandiosa floresta amazônica, rios caudalosos, cachoeiras portentosas, poéticas cascatas e praias exóticas.

O “ritual do poder” abarcaria os registros de atos políticos públicos e “se cristaliza naturalmente em torno do presidente da República”, segundo Paulo Emilio. De fato, uma das primeiras filmagens registradas pela imprensa carioca, em julho de 1898, é exatamente a chegada de Prudente de Moraes ao Arsenal da Marinha para uma visita ao navio *Benjamin Constant*. Ao longo das gestões presidenciais, as pesquisas localizaram pequenos filmes focalizando a viagem de Campos Sales a Petrópolis e sua ida ao Arsenal da Marinha, que também recebeu e registrou a passagem de Rodrigues Alves e de Afonso Pena. Deste último, foram filmadas viagens ao Paraná, a São Paulo e a inauguração de um ramal da Estrada de Ferro Sorocabana; mas é, sobretudo, a sua morte, ainda no exercício da Presidência, que mereceu maior quantidade de filmagens. Nos meses em que o vice Nilo Peçanha substituiu o falecido, há notícia de filmes sobre sua ida ao encouraçado *Minas Gerais*, a indústrias, uma viagem ao Espírito Santo e de sua presença num desfile de colegiais.

Sob o governo de Hermes da Fonseca – conhecido por sua fama de azarado, que lhe valeu o apelido “Dudu da Urucubaca” –, os temas se repetem, mas existe uma atração especial: seu casamento com a

jovem Nair de Teffé provoca várias imagens. Há também sua presença em uma manifestação funesta: a morte do barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores da República desde o governo Rodrigues Alves. As imagens dos funerais do barão do Rio Branco são o mais antigo exemplo existente de “ritual do poder”. Sobreviveram também filmes sobre Artur Bernardes, Washington Luís e Júlio Prestes, que quase foi presidente.

Fora da órbita da administração federal, existem registros cinematográficos sobre cerimônias políticas, pelo menos nos estados da Bahia, de Minas Gerais, de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Um documentário de 1910, por exemplo, marca a presença do ministro da Agricultura, Indústria e Comércio



1908. IGINO BONFOLI, CINEMATECA BRASILEIRA, SP

Os primeiros filmes silenciosos documentaram vários acontecimentos oficiais. Ao lado, o rei Alberto da Bélgica, em visita ao Brasil, examina minérios extraídos pela Companhia Belgo-Mineira

nte a
o crí-
s Go-
ssões:
neiro
culto
raisa-
lo ao
lora-

ALBERTO MALTA, MUSEU DA MANGUEIRA DO SOA, RJ

cio, Pedro de Toledo, no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo. Outra forma de “ritual de poder” é a cobertura da visita de personalidades estrangeiras ao Brasil, como o rei Alberto da Bélgica, o príncipe Humberto da Itália, o rei da Saxônia e o príncipe de Orléans e Bragança. Ou também o longa-metragem sobre o general Pershing, herói americano da I Guerra Mundial (1914-1918), em viagem a Santos, São Paulo, Rio de Janeiro e Petrópolis, em 1925. Essa película, que apresenta extraordinárias imagens do centro comercial paulistano, filmadas de um veículo em movimento, é um caso interessante: considerado desaparecido até recentemente, foi localizado nos Estados Unidos por um pesquisador, que trouxe para o Brasil uma cópia (VHS) em vídeo doméstico – nem de longe um material de preserva-

Flagrantes de eventos sociais e religiosos também fazem parte dos primórdios do cinema nacional. Abaixo, uma rara cena de casamento e Manoelina Maria de Jesus benzendo a água que usava para curas



EM FAMÍLIA... 1910-1914. CINEMATICA BRASILEIRA, SP



A SANTA DE COQUEIROS. 1931. EMPRESA A. JONSCHEIN CINEMATICA BRASILEIRA, SP

ção. Essa descoberta, ao lado de outras anteriores, confirma a existência fora do país de documentos cinematográficos relevantes para a nossa história.

Uma terceira forma de registro seriam os rituais ou eventos sociais: funerais, casamentos, inaugurações, datas e comemorações. Mas há poucos matrimônios e algumas saídas de cortejos nupciais liquidam o assunto. Como as igrejas são lugares tradicionalmente escuros, missas ou outros ritos em seu interior são pouco presentes. Talvez porque a sensibilidade da película virgem fosse baixa e dificultasse filmagens em locais com pouca luz. Os enterros, no entanto, eram realizados em ambientes mais iluminados, com personalidades desfilar ao lado do caixão, conduzido pelas ruas por cavaleiros em trajes de gala até o cemitério, onde as pessoas comprimiam-se para ouvir os discursos à beira do túmulo. Nas fitas sobreviventes, há imagens das cerimônias fúnebres do visconde de Moraes, de Rui Barbosa, de um político mineiro, Raul Soares, entre outros. Isso sem contar o documento sobre o transporte das cinzas de Estácio de Sá, em 1922, transferidas da antiga Sé do Rio de Janeiro para o convento dos capuchinhos no bairro da Tijuca, devido ao arrasamento do morro do Castelo.

Numa esfera também religiosa, embora em outro campo, duas reportagens abordam fenômenos de cura pouco ortodoxa, ambos em idades mineiras: em Recreio, o espírita Mozart trata mediunicamente os doentes; e em Coqueiros, Manoelina Maria de Jesus, negra humilde, benze a água que opera milagres nas centenas de romeiros que a procuram. Esses documentos são privilegiados para o exame da face mais miserável de uma parcela da população rural da terceira década do século XX e também da força das credences populares.

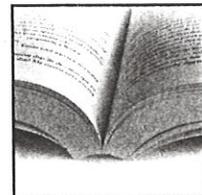
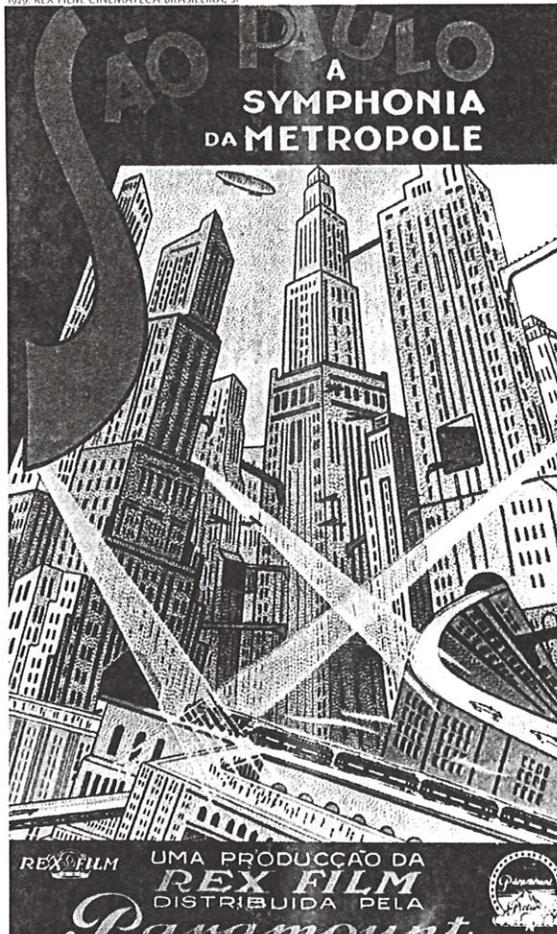
Isso era a roça. Um pouco mais adiante ficava o sertão – sombrio, desconhecido, com onças-pintadas e índios. Mas nem as densas florestas conseguiram preservá-lo dos cinegrafistas. O país, no rastro da expansão das linhas telegráficas e de expedições exploratórias, como as do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, tomava consciência de seus limites. Os documentos remanescentes dessas atividades são essenciais para o conhecimento de povos e costumes indígenas extintos pela expansão da cultura urbana. Mas a linha divisória entre cidade e campo adquire outros contornos cinematográficos quando se trata do extremo norte do país: a castanha e o guaraná colhidos na mata são limpos e trabalhados manualmente por incontáveis trabalhadores, índios e caboclos, com maciça presença femini-

na; juntamente com as enormes bolas de látex, recolhido e defumado pelo seringueiro nas profundezas da floresta amazônica.

O primeiro longa-metragem rodado na Região Amazônica recebeu medalha de ouro na Exposição do Centenário da Independência (ver *box*), e foi o primeiro de uma série sobre diferentes regiões do país ou de um estado. Um gênero de filmagem semelhante, porém mais antigo, focava a atenção numa única cidade e obedecia invariavelmente a mesma estrutura: vistas gerais, principais logradouros, casas comerciais e seus proprietários, o prefeito e suas obras. Graças ao interesse de políticos e de comerciantes, hoje se pode conhecer vários municípios brasileiros, de diversos pontos do país, em distintas épocas, a começar por Bebedouro (SP), em 1911, e Santa Maria (RS), em 1913. Esse tipo de filme e enfoque atingiria seu apogeu nas chamadas *sinfonias urbanas*, das quais restaram duas: São Paulo em 1929, e Salvador em 1933.

Também aos industriais – motivados a mostrar suas propriedades, máquinas, instalações e operários, através do mais moderno meio de comunicação surgido até essa época – se deve a possibilidade de saber, hoje, como se fabricava papel, tecidos, cimento, sapatos, chapéus, como se montava locomotivas com peças trazidas do exterior, e como funcionava o porto de Santos, o maior da América Latina durante as primeiras décadas do século XX. Sem

1929. REX FILM. CINEMATECA BRASILEIRA, SP



Para saber mais

GALVÃO, Maria Rita. *Crônica do cinema paulistano*. São Paulo: Ática, 1975.

GOMES, Paulo Emilio Salles. "A expressão social dos filmes documentais no cinema mudo brasileiro (1898-1930)". In: CALIL, Carlos Augusto e MACHADO, Teresa (orgs.). *Paulo Emilio – um intelectual na linha de frente*. São Paulo: Brasiliense; Rio de Janeiro: Embrafilme, 1986.

RAMOS, Fernão e MIRANDA, Luiz Felipe (orgs.). *Enciclopédia do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Editora do Senac, 2000.

Site
Censo Cinematográfico Brasileiro:
www.cinemateca.com.br/censo

Folheto de divulgação do filme *São Paulo – a Sinfonia da Metrópole*, de 1929. As sinfonias eram projeções que refletiam os interesses de seus patrocinadores, geralmente políticos e comerciantes

O Brasil e seu povo nas telas

A face mais característica das cerimônias urbanas é a gravidade. Os filmes mostram homens sérios, de bigodes, e as mulheres, em geral, matronas. Respira-se pouca juventude e é flagrante nesses documentos a presença de meninos vestidos com terno, colete e chapéu, demonstrando que a fase intermediária entre a infância e a idade adulta era quase inexistente.

Alguns momentos propícios à alegria, como o carnaval, foram muito filmados, mas restou discreta meia-dúzia sobre os festejos no Rio de Janeiro, Recife e Curitiba. Do futebol, pode-se acompanhar um Fla x Flu de 1919; ou o campeonato estadual gaúcho de 1927, no qual o Internacional sagrou-se campeão. E uma vitória brasileira, em 1929, contra a seleção do Uruguai. E, ainda, a inauguração, em 1924, do estádio do Sport Club Savoia, da Fábrica Votorantim, no interior de São Paulo, em que um amistoso entre o time local e o Paulistano exhibe, na equipe da capital, o primeiro craque brasileiro digno de nota: o jogador Friedenreich.

A presença feminina no cinema silencioso de não-ficção começou a perder o anonimato com a eleição da paulista Zezé Leone como a mulher mais bonita do Brasil, em 1923. Zezé ocupou as páginas de jornais, revistas, foi documentada em películas e protagonizou o primeiro processo jurídico brasileiro de uso indevido de imagem em filme. Nenhum dos filmes sobre ela resistiu ao tempo. E das várias fitas focalizando concursos de misses, a única sobrevivente é a da eleição de Miss Brasil 1929, com direito a poses das concorrentes e a invasão, no dia da final, do campo do Fluminense, clube carioca onde se realizou a disputa entre as beldades de então.



VIAGEM AO RORAIMA, 1927, CINEMATECA BRASILEIRA, SP



SOCIEDADE ANONIMA FABRICA VOTORANTIM, 1922, INDEPENDENCIA FILM, CINEMATECA BRASILEIRA, SP



Em cima: na década de 1920, arqueólogos da expedição Rondon examinam ossos de índios. Em uma fábrica de tecidos, operária é flagrada durante o expediente (embaixo): ambos os registros são considerados importantes para a história de povos indígenas e da tecnologia no Brasil

dúvida, as imagens são fontes importantes para a história da tecnologia no Brasil. Do ponto de vista da narração, esses filmes identificavam-se, obviamente, com quem os financiava. Uma revisão atenta, porém, será recompensada pela descoberta das pessoas – homens, mulheres, crianças – operando as máquinas, numa pausa para o almoço, batendo o ponto ou saindo em bandos.

Isso sem falar nos filmes sobre revoluções: há documentos sobre a de 1923 no Rio Grande do Sul; de 1924 e 1932 em São Paulo, e de 1930 em vários pontos do Brasil. E ainda há as cenas domésticas, de grande interesse para estudos da vida cotidiana no país.

Em termos percentuais, do total de filmes realizados no país até 1930, apenas seis ou sete por cento resistiram ao tempo, muitos deles como frag-

Em cartaz, o centenário da Independência do Brasil

A Exposição Internacional comemorativa do centenário da Independência, realizada na capital federal, em 1922, foi um marco na história do país e do cinema brasileiro, embora as imagens restantes que a documentam não ultrapassem meia hora. A trajetória da produção cinematográfica seguiu caminhos muito próprios no Brasil e, diante de um mercado exibidor ocupado pelo produto de ficção estrangeiro – inicialmente europeu e depois americano –, a alternativa que se abriu para os cinegrafistas nacionais foi a do filme documental, de preferência patrocinado.

O dinheiro podia vir do governo, do comércio, da agricultura ou da indústria – o importante era que o filme não dependesse das bilheterias para ser pago. O subsídio é a chave para se compreender a continuidade da produção brasileira durante muito tempo, e a Exposição do Centenário foi um momento privilegiado. Políticos, comerciantes, fazendeiros e industriais investiram quantias consideráveis para a realização de filmes para exibição nos pavilhões da Exposição, consagrando um esquema de produção que se estruturara na década anterior.

A Exposição do Centenário era uma vitrine da riqueza nacional, devida fundamentalmente à monocultura do café, que tanto fascinou o poeta modernista Blaise Cendrars (1887-1961) em suas viagens ao Brasil: “Esses caixotes de automóveis, essas locomotivas a granel, esses fardos de papel higiênico, essas montanhas de gramofones e alto-falantes. Tudo isso brotou de um grão de café”, escreveu em *A metafísica do café*, a propósito das pilhas de mercadorias estrangeiras desembarcadas no porto de Santos. Não estranha, portanto, que o mais exuberante subconjunto de filmes silenciosos existentes diga respeito às fazendas de café.

mentos. Segundo os dados já processados – e em constante atualização – no banco de informações do Censo Cinematográfico da Cinemateca Brasileira, dos 289 filmes silenciosos sobreviventes, excluindo as 33 produções de ficção, as imagens existentes totalizam cerca de 73 horas e meia de projeção. Essas dezenas de horas de filmes silenciosos revelados pelo Censo merecem, inegavelmente, um exame cuidadoso dos interessados em conhecer melhor o dia-a-dia do Brasil nos trinta primeiros anos do século XX e as muitas faces dessa realidade. ■

CARLOS ROBERTO DE SOUZA é mestre em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e autor de *Nossa aventura na tela*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1998.

DU

ALMANAQUE ABRIL A ENCICLOPEDIA DA ATUALIDADE

2004 30 ANOS

Abri

VERS • For • 794 • Ilus • Ide • Apr para

Alman inform concu

100